

A REVOLUÇÃO CUBANA

Fátima Marlise Marroni Rosa Lopes¹

RESUMO: A apresentação do texto está estruturada em três momentos. O primeiro momento trata do Movimento de 26 de Julho, abordando os antecedentes imediatos, a operação Moncada, a prisão do grupo de revolucionários sobreviventes e a defesa de Fidel Castro perante o Tribunal de Exceção de Santiago de Cuba; o segundo analisa a ação revolucionária, enfocando o ideário revolucionário, os planos e as estratégias formuladas pelos revolucionários, tais como os planos dos expedicionários do Grana, a guerra de guerrilhas, o programa revolucionário, a greve geral revolucionária e a ofensiva do exército; o terceiro e último momento dá a conhecer os fatos que culminaram no triunfo da Revolução Cubana, focalizando a evolução da guerrilha, o exército rebelde e a aliança com os camponeses.

PALAVRAS-CHAVES: Movimento de 26 de Julho de 1953; Ação Revolucionária; Triunfo da Revolução Cubana.

ABSTRACT: The present article deals with the subject Cuban Revolution, delimited at the study of the revolutionary process that caused the 1959 revolution. It examines how Fidel Castro came at the power and why the revolutionary regime went to socialism, since the study is orientated to the

¹ Doutoranda Programa de Pós-Graduação História UNISINOS

analysis of some central questions such as The 26th of July Movement, 1953, The Revolutionary Action, and the Triumph of Cuban Revolution in 1959.

KEY-WORDS: The 26th of July Movement; Revolutionary Action; Triumph of Cuban Revolution

O Movimento de 26 de Julho de 1953

Na tentativa de entender o que significou o Movimento de 26 de Julho de 1953, abordamos os antecedentes imediatos do movimento, a operação Moncada, a prisão, o julgamento do grupo e a defesa de Fidel Castro perante o Tribunal de Exceção de Santiago de Cuba.

A Cuba republicana e pré-revolucionária, em 1952, representava o terceiro país em importância para os investimentos norte-americanos (depois da Venezuela e do Brasil). Sua base econômica era a produção açucareira, da qual 90% destinava-se ao mercado norte-americano. Isto fazia com que o predomínio do capital norte-americano fosse incontestável; o mesmo representava um controle aproximado de 40% da produção açucareira, 50% das estradas de ferro e 90% dos serviços elétricos e telefônicos (MAO JR, [s.d.], p. 94). Esse controle econômico fazia-se acompanhar também pelo controle político, de tal sorte que a história política de Cuba, na primeira metade do século XX, caracterizava-se por uma sucessão de intervenções militares norte-americanas. Apesar disso, em 1952, Cuba vivia sob o amparo de uma Constituição e atravessava um ano de eleições presidenciais.

Fulgêncio Batista, que exercera a presidência constitucional do país, de 1940 a 1944, foi sucedido por Ramon Grau San Martin (1944/1948) e por Carlos Prío Socorrás, que não completou seu mandato, por ter sido derrubado por um golpe militar sob a chefia de Batista, em março de 1952.

Nesse sentido, Fidel Castro (1976, p.86) se expressa, dizendo:

Em 1952 irrompe na cena o fatídico golpe militar de 10 de março. Batista, que se retirará do poder em 1944

levando consigo dezenas de milhões de pesos, havia deixado nos quartéis o mesmo exército mercenário, usufruindo incontáveis parcelas do apoio durante 11 anos. Esse era o exército da República fundado pelos norte-americanos na primeira ocupação militar, autor de numerosas repressões contra o povo, a que os sargentos sublevados em 1933 haviam convertido em dócil instrumento de um caudilho militar que o manteve a serviço incondicional dos interesses imperialistas dos estados Unidos.²

Fulgêncio Batista no poder e, com o apoio deste exército, formado por soldados, sargentos e oficiais, que constituíam um corpo pretoriano a serviço dos donos de engenhos e indústrias, instaura uma ditadura, que se caracteriza pelo exílio e assassinato dos principais opositores do regime; o fechamento dos partidos políticos e dos sindicatos; censura à imprensa e a outros meios de comunicação; e a publicação de uma Lei Constitucional que anulava a Constituição da República. O povo recebia o golpe militar e o regresso de Batista com uma profunda humilhação, mas estava inerte frente aos fatos.

Fidel Castro, então um jovem advogado que iniciara sua militância política no movimento estudantil, apresenta uma petição ao tribunal de Havana, onde acusava Batista de violar o Código de Defesa Social e solicitava, por esse motivo, a prisão do ditador. Enquanto esperava o atendimento ao seu pedido, os problemas sociais do país foram se agravando; havia aproximadamente seiscentos mil desempregados, dezenas de camponeses eram explorados pelos latifundiários, a classe trabalhadora também era explorada desapidadamente; o analfabetismo, a insalubridade, a miséria, os abusos, a malversação, o jogo, a prostituição e os vícios reinavam em toda parte. O imperialismo dominava de maneira absoluta a política nacional. Diante de tal quadro e, tendo seu pedido recusado, Fidel passou à luta armada.

O povo cubano, formado por operários, camponeses, estudantes e as classes médias, não tinha armas, tão pouco, recursos para enfrentar a

² Tradução da autora

tirania de Batista e o imperialismo norte-americano. Ante esta situação, Fidel passara a organizar um movimento, formado por estudantes, trabalhadores urbanos e operários. “Esse movimento orientava-se, sob o ponto de vista ideológico, nas idéias de José Martí, e tinha como objetivo unir todas as classes para derrubar a ditadura de Fulgêncio Batista” (MAO JR., [s.d.], p. 95). Os partidos que haviam feito oposição a Batista não tinham recursos, tão pouco líderes ou estratégia de luta. O partido marxista-leninista não tinha força nem meios para sozinho fazer frente à luta armada. Pensando, então, que “não há situação social e política, por mais complicada que pareça, sem uma saída possível” (CASTRO, 1976), conforme posteriormente escreveria, Fidel Castro encontra saída na luta armada. E a 26 de julho de 1953, chefiado, juntamente com seu irmão Raul, 123 homens e duas moças, que atacaram o Quartel Moncada, o segundo em importância na ilha, com intenção de apoderar-se das armas e dar início ao processo insurrecional. A operação fracassa; cinco revolucionários ficaram feridos, oito morreram, 61 foram executados sumariamente e os demais foram presos.

Segundo declaração de Raul Castro, citada por Tad Szulc (apud MAO JR., [s.d.], p.96), Fidel Castro ordenara o ataque a Moncada porque “chegara à conclusão de que o pequeno motor acionador (da insurreição) seria a tomada da base militar de Moncada”. De outra parte, estudo³ publicado em 1973, concluiu que “FIDEL partiu do princípio de que teria um grande apoio popular após a tomada de Moncada (...). O estudo informou que, se o regime de Batista não caísse imediatamente, as forças de Fidel Castro dariam início a uma “guerra irregular nas montanhas e nos campos” (MAO JR., [s.d.], p.96).

Entretanto, o próprio Fidel Castro, mais tarde, escreveria:

(...) Quando as condições objetivas estão dadas para a revolução, certos fatores subjetivos podem exercer então um papel importante nos acontecimentos. Isso ocorreu em nosso país. Isto não constitui um mérito particular dos homens que elaboraram uma estratégia

³ Realizado pela Seção Histórica da Direção Política das Forças Armadas Revolucionárias sobre a “operação Moncada” (MAO JR., [s.d.], p. 96)

revolucionária que resultou vitoriosa. Eles receberam a valiosa experiência de nossas lutas no campo militar e político; puderam inspirar-se nas heróicas batalhas por nossa independência, rico caudal de tradições combativas e amor à liberdade na alma do povo, e nutrir-se do pensamento político que guiou a revolução de 95 e a doutrina revolucionária que alenta a luta social libertadora dos tempos modernos, que fizeram possível conceber a ação sobre estes sólidos pilares: o povo, a experiência histórica, os ensinamentos de Martí, os princípios do marxismo-leninismo, e uma apreciação correta do que nas condições peculiares de Cuba podia e devia fazer-se naquele momento (CASTRO, 1976, p.87).

É, portanto, destas considerações práticas que surge a idéia levada a efeito, de iniciar a luta na província do Oriente.

O ataque ao Quartel Moncada, na opinião de Fidel Castro, não significou o triunfo da Revolução nesse instante, porém marcou o caminho e traçou um programa de libertação nacional que abriria à Cuba as portas do socialismo. A derrota fora tomada por ele como um revés tático, e isto não é sinônimo de derrota. A vitória naquela época teria sido fora de tempo e traria a desvantagem da correlação mundial de forças naquele instante. O imperialismo norte-americano era por demais poderoso, e a revolução tanto poderia sair vitoriosa como fracassar ou perecer e, sem dúvida, pereceria antes que erros fossem cometidos. Essas são alternativas imponderáveis e às vezes trágicas. Mas o importante, segundo Fidel, para abrir caminho para o futuro em determinadas circunstâncias é a vontade inquebrantável de luta e a própria ação revolucionária. Nesse sentido Fidel Castro conclui:

Sem o Moncada não haveria existido o Granma, a luta da Sierra Maestra e a vitória extraordinária de primeiro de janeiro de 1959. De igual modo, sem a epopéia de 68⁴ e de 95⁵, Cuba não seria independente e o primeiro

⁴ Refere-se ao movimento armado, iniciado em 1868 pela independência de Cuba, com um saldo de mais de 200.000 pessoas mortas (RETAMAR, [s.d.]).

⁵ Refere-se à segunda guerra pela independência de Cuba, iniciada em 24 de fevereiro de 1895, em diversas regiões da província de Oriente (CASTRO, 1986, p.37, nota do tradutor).

país socialista da América, senão quase, com toda certeza, um estado a mais do odioso imperialismo norte-americano (CASTRO, 1976, p. 88).

Cinco anos, cinco meses e cinco dias do ataque a Moncada, triunfou a Revolução Cubana. Mas estes quase cinco anos e meio, são um espaço de tempo que deixou grandes marcas na História. Os sobreviventes da “operação Moncada” vão a julgamento coletivo; o fato ganhou repercussão nacional, e de acusados, os revolucionários passam a acusadores.

Entre os sobreviventes do ataque de Moncada está Fidel Castro. A ele, na condição de advogado e principal acusado, coube a articulação da defesa do grupo. “A linha da defesa dos acusados baseava-se em converter o julgamento num ato de defesa e propaganda do movimento, e de execração do regime de Fulgêncio Batista” (MAO JR., [s.d.], p. 97). Em 16 de outubro de 1953, Fidel Castro, ante o Tribunal de exceção de Santiago de Cuba, dá início ao seu memorável depoimento, cujo primeiro ato é *A História me absolverá*.

Para justificar a importância e a publicação deste depoimento, Fidel Castro o transforma em discurso, no qual analisa com detalhes a sociedade cubana da época da ditadura de Fulgêncio Batista e dos períodos que a precederam, e o pronuncia em rede de rádio e televisão, a 26 de março de 1962 com o título “*A História me absolverá*”. O texto é transformado em obra de defesa da democracia e de denúncia contra a violência policial, da corrupção governamental, do desprezo à lei e à vida humana, editada quando a Revolução completou seu vigésimo aniversário.

Neste sentido, no seu pronunciamento de 1962, Fidel Castro já dizia:

Não pretendemos que *A História me absolverá* seja uma obra clássica do marxismo. Ela é expressão de um pensamento avançado, de um pensamento revolucionário ainda em evolução. Não é manifestação de um marxista, mas de um jovem que se encaminha para o marxismo e começa a atuar como marxista. Mais do que o valor teórico, tanto do ponto de vista econômico como político, seu valor permanente reside

na denúncia viva de todos os horrores e crimes da tirania, em ter posto a nu o regime de Batista, cruel e covarde, tirânico e assassino (CASTRO, 1986, p.7).

A obra é fundamental para a compreensão do processo revolucionário que culminou na Revolução Cubana de 1959. Antes de se transcrever algumas passagens mais relevantes, é importante assinalar que Fidel Castro, ao começar seu discurso perante os juízes do tribunal de Exceção de Santiago de Cuba, faz questão de deixar claro que detesta “a vaidade pueril” e, se teve de assumir sua própria defesa, foi por dois motivos:

Um: porque praticamente fui dela privado por completo; outro: porque somente quem foi ferido tão profundamente, e sentiu a Pátria tão desamparada e a justiça aviltada, pode falar numa oportunidade como esta com palavras que sejam sangue do coração e entranhas da verdade (CASTRO, 1986, p.9).

Por outro lado, também explica que não lhe faltaram colegas para defendê-lo. Entretanto, o Colégio de advogados de Havana, designara um decano da instituição para representá-lo, mas não permitiram que desse cumprimento a sua missão, e ele próprio havia sido pressionado a abdicar desse direito, consagrado em Cuba por uma longa tradição, porque não desejariam que fossem postas a nu as terríveis verdades que pretendiam a todo custo ocultar. Por isto, julga necessário explicar ao tribunal a desumana incomunicabilidade a que esteve submetido, que se objetivava com isso reduzi-lo ao silêncio e até planos para assassiná-lo haviam sido arquitetados e se propõe a falar com clareza (CASTRO, 1986, p.10.)

Após esse pronunciamento inicial de Fidel Castro, foi marcada a primeira sessão do julgamento para 21 de dezembro. O que se transcreve a seguir é uma síntese dos principais fatos relatados por Fidel, extraídos de CASTRO (1986).

Na primeira sessão do julgamento, Fidel Castro foi “chamado para prestar declarações e submetido a interrogatório durante duas horas, respondendo às perguntas do promotor e dos vinte advogados de defesa”

(p. 12). Ele pensava, “certamente o regime não esperava a catástrofe moral que se avizinhava!”, tão pouco saberia “como manter todas as falsas acusações?” (idem). Ele, no entanto, pôde provar com cifras exatas as despesas feitas, como obtiveram o dinheiro e as armas. Nada tinha a esconder, pois tudo fora conseguido com sacrifícios, mediante a generosa doação dos homens que o haviam seguido até a morte. Falou dos propósitos que inspiravam luta e do comportamento humano e generoso dispensado aos adversários. Disse que os seus companheiros de luta “não se envergonhariam nem se arrependeriam de sua condição de revolucionários e de patriotas” (idem). Assim, primando pela verdade, viu que começara a desmoronar o arcabouço de mentiras que o governo levantara em torno dos acontecimentos.

A segunda sessão foi realizada no dia 22 de setembro. “Apenas dez pessoas acabavam de depor e já se conseguira esclarecer que os assassinatos cometidos na zona de Manzanillo” (antiga província do Oriente) eram “responsabilidade direta do capitão-chefe daquela zona militar” (p. 13). Ainda faltavam prestar declarações trezentas pessoas. O que aconteceria quando, diante da esmagadora quantidade de provas, os próprios militares responsáveis pelos fatos comesçassem a ser interrogados? Permitiria o governo que ele (Fidel) realizasse tal coisa na presença de numeroso público que assistia às sessões? Estas eram interrogações que permaneciam. Mas, as represálias já se pronunciavam: “planejaram evitar minha presença no julgamento e este passou a ser realizado *manu militari*”, observa Fidel no dia 25 de setembro, véspera da terceira sessão, pois viera o médico e firmara atestado que ele achava-se enfermo. Mesmo assim, Fidel não se comprometeu a guardar silêncio sobre nada. Naquela mesma noite, redigiu uma carta para o tribunal, denunciando o plano que se tramava e juntou o seguinte pensamento do Mestre José Martí: “Um princípio justo do fundo de uma cova é mais poderoso que um exército” (p. 15). Esta carta foi apresentada na terceira sessão (26 de setembro), e sua emissária, logo sofre represálias, e ele, “confinado para o lugar mais afastado do cárcere” (idem). Mas, o resultado logo se pronunciou. No dia seguinte, os médicos atestaram estar bem de saúde e ele pôde continuar comparecendo ao julgamento e, na primeira oportunidade denuncia:

Quantas vezes este tribunal ordenou que cessasse a desumana incomunicabilidade que pesava sobre mim, quantas vezes ordenou que fossem respeitados os meus direitos mais elementares, quantas vezes reclamou que me apresentassem em juízo. Jamais foi obedecido. De uma a uma, todas as vossas ordens foram desrespeitadas. Pior ainda: na própria presença do tribunal, na primeira e segunda sessões, foi colocada ao meu lado uma guarda pretoriana para me impedir, de modo absoluto, falar com alguém, mesmo nos períodos de recesso, dando-se a entender que, não só na prisão como também até na própria sala da justiça e em vossa presença, não se fazia o menor caso de vossas disposições. (...), exclusivamente eles, estão violando desde 10 de março (CASTRO, 1986, p.16).

Assim, segundo Fidel Castro, à medida que ia se processando o julgamento, os papéis iam se invertendo: os que acusavam foram acusados, e os acusados se converteram em acusadores. Não foram julgados os revolucionários. Foi julgado um senhor que se chamava Batista. Fidel lembra e denuncia as várias restrições que lhe foram impostas e o desrespeito às leis, como as maquinações que o jogaram num quartinho do hospital Civil impedindo-o de ter julgamento público, quando o processo determinava que o sumário será “oral e público”, a negação de acesso ao Código Penal, os livros de Martí, de levar ao julgamento obras de consulta. Refere-se também, à própria condenação que lhe foi atribuída, vinte e seis anos de prisão, em nome do Direito e da Justiça, quando o promotor limitou-se, em dois minutos, exclusivamente a ler o artigo 148 do Código de Defesa Civil, pelo qual, com as circunstâncias agravantes, solicita para ele a respeitável pena de vinte e seis anos de prisão. Tempo que lhe parece pouco para justificar e pedir que um homem seja posto à sombra por mais de um quarto de século (p. 19). Chama, então, a atenção dos juízes, interrogando: “por que tanto interesse para que me cale?” (idem). E argumenta:

(...) a petição da promotoria, (...), induzia a pensar que eu me limitaria ao mesmo. Não aceitarei a mordça, porque, neste julgamento, está sendo debatido algo mais que a simples liberdade de um indivíduo. Questões

fundamentais de princípios são analisadas. Julga-se se os homens têm o direito de ser livres, discute-se a respeito das próprias bases de nossa existência como nação civilizada e democrática.

O famoso articulado do senhor promotor não merece nem um minuto de réplica. (...) porque quero ter o campo livre dos detalhes para quando chegar a hora de condenar a mentira, a falsidade, a hipocrisia, os convencionalismos e a covardia moral sem limites em que se baseia essa estúpida comédia que em Cuba, desde 10 de março, (...), se chama JUSTIÇA (CASTRO, 1986, p. 20).

E continua dizendo que duas coisas saltam à vista. A ditadura que oprime a Nação não é um poder constitucional, e o artigo que fala de “poderes”, no plural e não no singular, porque considera o caso de uma República regida por um Poder Legislativo, um Poder Executivo e um Poder Judiciário. Adverte, então, que acaba de começar, pois sabe que o obrigarão ao silêncio durante muitos anos, que tratarão de ocultar a verdade e que contra ele erguer-se-á o esquecimento. Mas sua voz não se afogará por isso (p. 21).

Nesse ponto, Fidel Castro detem-se um pouco no exame dos fatos. Observa que “o plano foi traçado por um grupo de jovens, nenhum dos quais tinha experiência militar; não eram peritos militares, mas possuíam patriotismo, enquanto os generais de 10 de março não eram militares, nem patriotas. Descreve o momento em que se iniciou o combate, e que foi muito má a disciplina relevada pelo Exército, que venceu pelo número e pela proteção que a fortaleza dava. Os planos eram de prosseguir a luta nas montanhas caso fracassasse o ataque ao regimento Moncada. Fidel faz ver que tudo quanto disse até ali era indispensável para a compreensão exata do que iria dizer depois (p. 22-30).

Fidel castro refere que o governo repetiu com muita ênfase que o povo não secundou o movimento. Julga essa afirmação ingênua e de má fé.

(...) Santiago de Cuba acreditou tratar-se de uma luta entre soldados, e não teve conhecimento do que

ocorreria senão muitas horas depois. Quem duvida do valor, do civismo e da coragem sem limites do povo rebelde e patriota de Santiago de Cuba?

Nunca foi nossa intenção lutar com os soldados do regimento e sim apoderar-nos, de surpresa, do quartel e das armas, convocar o povo, em seguida reunir os militares e convidá-los a abandonar a odiosa bandeira da tirania e a abraçar a da liberdade (...).

O corpo da Marinha não nos combateu e sem dúvida nos seguiria depois. (...). Cada familiar é um ponto de contato inevitável entre ele, o povo e a situação presente e futura da sociedade em que vive. É tolice pensar que pelo fato de o soldado receber um soldo, bastante módico, do Estado, tenha resolvido as preocupações vitais que surgem de suas necessidades como membro de uma família e de uma coletividade social (CASTRO, p. 32).

Esta explicação é importante para Fidel Castro, pois ele procura mostrar que “o soldado sente um profundo respeito pelo sentimento da maioria do povo” (p. 32), e o 10 de março ocorreu no momento em que caíra ao extremo o prestígio do governo civil, circunstância aproveitada por Batista. E faz uma segunda afirmação: “o Exército jamais se sublevou contra um regime que contasse com a maioria do povo” (p. 33).

Fidel Castro critica duramente o golpe de 10 de março de 1952:

É claro que o 10 de março não teve outro remédio senão tirar os soldados das fazendas particulares, mas para fazê-los trabalhar de porteiros, choferes, criados e guarda-costas de toda fauna de politiqueiros que integram o partido da ditadura.

.....
O 10 de março foi um miserável engodo. (...) Batista, depois de fracassar pela via eleitoral, juntamente com sua coorte de politiqueiros, nocivos e desprestigiados, aproveitando-se do descontentamento do Exército, utilizou-o como instrumento para subir ao poder nas costas dos soldados. Sei que existem muitos homens angustiados pela desilusão.

Por outro lado, os militares estão sob uma tirania pior que a vivida pelos civis. São vigiados constantemente e nenhum deles tem a menor segurança em seus postos. (...) o que importa a Batista não é proteger o Exército, e sim que o exército o proteja (CASTRO, 1986, p. 34-36).

Com estas críticas, Fidel Castro se coloca ao lado do Exército, assim como se aproximava do povo ao defender a democracia, quando procura fazer o promotor ver que “nenhuma arma, nenhuma força é capaz de vencer um povo que se decide a lutar por seus direitos”, referindo serem incontáveis os exemplos históricos remotos e recentes, tais como o ocorrido na guerra da independência de 1895 e ao ataque a Bayamo, província com um milhão e meio de habitantes, a mais guerrilheira e patriótica de Cuba, e que manteve acesa a luta pela independência durante trinta anos.

Fidel Castro fala das outras razões em que se baseavam suas possibilidades de êxito quanto ao ataque a Moncada, que eram de ordem social. Esclarece que quando fala em povo, não está a referir-se aos setores acomodados e conservadores, mas das massas oprimidas, à qual tudo prometem, enganam e atraíam; quando a primeira condição para revelar a sinceridade e a boa fé de uma causa é fazer precisamente aquilo que ninguém faz, isto é, falar com absoluta clareza e sem medo. Assim devem fazer os revolucionários (p. 41).

No sumário desta causa, segundo Fidel Castro, devem constar cinco leis revolucionárias, as quais seriam proclamadas imediatamente após o ataque a Moncada.

- A primeira lei revolucionária restituía a soberania e proclamava a Constituição de 1940 como a verdadeira lei suprema do Estado;
- A segunda lei revolucionária concedia a propriedade da terra, desimpedida e intransferível, a todos os colonos, subcolonos, arrendatários, parceiros e posseiros;
- A terceira lei revolucionária outorgava aos operários e empregados o direito à participação de trinta por cento dos lucros das grandes empresas industriais, mercantis e mineiras, inclusive as centrais açucareiras;

- A quarta lei revolucionária concedia a todos os colonos o direito de participar de cinquenta e cinco por cento do rendimento da cana-de-açúcar;
- A quinta lei revolucionária ordenava a confiscação total dos bens de todos os dilapidadores dos bens públicos de todos os governos e dos seus coniventes e herdeiros, tanto percebidos por testamento ou sem testamento.

A política cubana na América seria de estreitamento da solidariedade com os povos democráticos do continente, e os perseguidos políticos pelas tiranias que oprimem. Tais leis seriam logo proclamadas. Além disso, viria outra série de leis e medidas igualmente fundamentais: a Reforma agrária, a Reforma Integral do Ensino e a Nacionalização do Truste de Eletricidade e do Truste Telefônico, a devolução ao povo do excesso ilegal na cobrança de suas tarifas e o pagamento de todas as quantias sonegadas à Fazenda pública. Todas essas e outras medidas estariam inspiradas em dois artigos da Constituição: o que determina a proscrição do latifúndio, e o que determina ao Estado o emprego de todos os meios possíveis para proporcionar a ocupação a todos que dela careçam assegurando a cada trabalhador uma vida decente (CASTRO, 1986).

Quanto aos problemas relacionados com a terra, a industrialização, a moradia, o desemprego, a educação e a saúde do povo são os seis pontos para cuja solução, juntamente com a restauração das liberdades públicas e da democracia política, seriam solucionados pelos próprios revolucionários. Pois, segundo Fidel Castro, o futuro do país e a solução de seus problemas não podiam continuar dependendo do interesse egoísta de uma dúzia de magnatas. Um governo revolucionário resolveria todos esses problemas.

Fidel Castro continua discorrendo sobre o que um governo revolucionário poderia fazer, e denunciando a traição dos golpes de estado praticados por Batista e que seria interminável o relato dos crimes e ultrajes cometidos contra a população civil, mas pedia um castigo terrível para os responsáveis pelas vítimas desses golpes, pois teriam sido tantas, que o governo ainda não havia se atrevido a fornecer uma lista completa. Era uma triste realidade, até que um humilde cidadão do povo, ele, Fidel Castro,

que queria acreditar na lei da República e na integridade de seus juízes, buscou o Código de Defesa Social para verificar que castigos a sociedade prescrevia para o autor de semelhante ação e lá encontrou a privação de liberdade. Então peticionou para que Fulgêncio Batista e seus dezesseis cúmplices fossem condenados de um a oito anos de prisão, como ordenava o Código. Passaram-se meses, a resposta não veio, o povo estava cansado de abusos. Os povos se cansam, então veio a luta. Como então o homem que estava fora da lei, que havia ocupado o poder pela violência, torturado, assassinado, encarcerado, podia acusar perante os tribunais os que tinham ido lutar pela lei e devolver ao povo sua liberdade? (CASTRO, 1986, p.82-83).

Após este julgamento, Fidel Castro e seus companheiros revolucionários permaneceram presos por mais dois anos, até que em 6 de maio, diante da pressão política e de um amplo movimento que reivindicava a “anistia” aos “rapazes de Moncada”, Fulgêncio Batista assina a lei de anistia que libertou da prisão os membros do Movimento de 26 de julho (M26-7).

Fidel Castro permaneceu em Cuba durante alguns meses, período no qual procurou denunciar as atrocidades e a ilegalidade do regime, mas ante a possibilidade de ser assassinado pelo mesmo, exila-se no México, com outros companheiros de luta.

AAção Revolucionária

Este momento aborda os planos e as estratégias formuladas pelos revolucionários, envolvendo o plano dos expedicionários do Granma, a guerra de guerrilhas, o programa revolucionário, a greve geral revolucionária e a ofensiva do exército.

O ideário revolucionário e inspirador do ataque ao Quartel de Moncada, em 26 de julho de 1953, e que continuou vivo, na postura fidelista, é o ideário martiano.

José Julian Martí, era filho de um espanhol com uma nativa das Canárias. Nasceu em Havana a 28 de janeiro de 1853, época na qual

seus compatriotas já lutavam pela libertação de Cuba do domínio espanhol. A vida política de Martí começou cedo. Aos dezesseis anos, depois de lançar o jornal clandestino *La Patria Libre*, ele foi preso, por julgar-se o mesmo comprometido na luta de independência. Condenado à prisão, logo foi transferido para a Espanha. No mesmo ano foi preso e também banido para a metrópole seu professor Rafael Maria de Mendive, poeta romântico, responsável por sua formação política.

Em Madri, Martí estudou Direito, escreveu artigos, poemas e peças teatrais, colocando sempre a independência de Cuba como tema central. Formado, Martí fugiu da Espanha pela França e alcançou o México, onde suas publicações tornaram-no uma das figuras mais conhecidas no meio intelectual mexicano. Em 1877, sob identidade falsa, Martí voltou para a sua terra. O movimento pela independência de Cuba, iniciado em 1868, pelo qual Mendive fora preso, chegava ao fim. Os cubanos acabaram fazendo um acordo com os espanhóis, que prometiam anistia, reformas e abolição da escravatura, mas não davam a liberdade à ilha. Os cubanos apenas teriam direito de representação na corte. Essa situação não agradou a Martí, que foi para a Guatemala. Regressou a Cuba em 1878, para conspirar novamente, esperando libertar seu país para sempre. Em 1879 foi novamente preso e deportado para a Espanha. Logo foi para Nova York, de onde saiu em 1881, fundando na Venezuela a *Revista Venezuelana*. A linha da revista e de seus artigos contra a tirania e a política colonialista não agradaram ao ditador Antonio Guzmán Blanco (1829-1899), e Martí retornou para Nova York, onde passou a dedicar seu tempo a atividades pró-independência, conquistando simpatizantes para a sua causa e juntando fundos para a aquisição de armas e munições. “Martí mora nos Estados Unidos justamente no momento em que a nação passa de seu capitalismo pré-monopolista para o capitalismo monopolista e imperialista” (RETAMAR, [s.d.], p. 18). Mas, decepcionado com o jogo de interesses que era a política norte-americana, o culto ao dinheiro e a competição sufocante, Martí adquire fama pela combatividade e logo deixa de ser apenas cubano para ser considerado cidadão latino-americano.

Em 1887, acreditando ser novamente propícia a situação para tentar

uma aproximação entre os exilados, faz um apelo para que se celebre o aniversário do 10 de outubro⁶, data em que irrompeu na província cubana de Oriente, a revolução Yara, a guerra cubana contra a Espanha. Martí eletriza o público. E enquanto sua fama continua crescendo, seus trabalhos se multiplicam. Em 1888, percebe que os Estados Unidos mantêm princípios opostos às leis de Cuba, quanto à matéria alfandegária, e no Congresso Internacional de Washington declara que “da tirania da Espanha soube salvar-se a América Espanhola; e agora, depois de ver com olhos criteriosos os antecedentes, causas e fatores do convite, urge dizer, porque é a verdade, que para a América espanhola chegou a hora de declarar sua segunda independência” (RETAMAR, [s.d.], p. 22). Em 1890, Martí faz advertências face às pretensões imperialistas do Estados Unidos na América. Em 1892, Martí consegue lançar os alicerces do Partido Revolucionário Cubano. Era a primeira vez que na América Latina criava-se um partido político revolucionário. Este partido, fundado e conduzido por Martí, é o precedente do Partido que dirige a Revolução Cubana de Fidel Castro.

Entre 1892 e 1893, Martí realizou viagens pelas Antilhas e Flórida, como delegado partidário. Em 1894, fracassou seu primeiro plano de invasão de Cuba. Entretanto, para Martí, a independência da ilha era um objetivo alcançável apenas através da guerra civil. Sua missão no plano imediato foi tornar Cuba e Porto Rico independentes das mãos espanholas. Com a independência de Cuba, Martí esperava deter o avanço do imperialismo norte-americano sobre o Continente e sobre o mundo. Em 29 de janeiro de 1895, de Nova York, Martí e seus companheiros embarcam para Cuba. Em seu *Manifesto de Montecristi*, em 25 de março de 1895, Martí anuncia ao mundo a guerra de Cuba. Com a finalidade de derrubar o governo espanhol, chegaram a Cuba a 11 de abril; e a 19 de maio, em combate direto com as tropas defensoras da situação de colônia. ALTMANN relata que

José Martí morreu numa das primeiras escaramuças da guerra independentista, na batalha de Boca de Dos

⁶ De 1868.

Rios, em 19 de maio de 1895, foi surpreendido por uma patrulha espanhola depois de haver desacatado ordem do Gen. Máximo Gómez de permanecer na retaguarda. A tropa cubana não conseguiu recuperar o cadáver que foi levado pelos espanhóis; primeiro, para ser exibido e depois, para ser enterrado em Santiago de Cuba, no Oriente da ilha (ALTMANN, 2004, p.10).

Martí era visto por seus inimigos ideológicos como a alma e o todo do Partido Revolucionário Cubano. Segundo COLE (apud RETAMAR, [s.d.], p. 51)

Os revolucionários cubanos [de 1895] não eram socialistas. Tampouco seu principal teórico, José Martí, expressou uma doutrina especificamente socialista. Era mais um nacionalista revolucionário que um socialista; mas seu nacionalismo era muito radical e descansava numa concepção de igualdade racial que o associa aos posteriores desenvolvimentos do socialismo e do comunismo na América Latina.

Segundo RETAMAR ([s.d.], p. 22), “pela agudeza com que Martí postulou o imprescindível antiimperialismo da revolução cubana; por sua compreensão dos problemas reais do país, (...), e pelas dinâmicas soluções apontadas”, suas idéias foram conservadas e marcaram profundamente a virtualidade revolucionária da fase castrista, sendo por isso natural que Fidel Castro a ele remetesse como inspirador do ataque ao quartel Moncada, em 26 de julho de 1953. Este ataque desencadeou uma revolução radical, cujo país ainda vive. E mesmo seguindo esse ideário martiano, Fidel Castro declarou sua adesão ao marxismo-leninismo, pois segundo o referido autor, não há exagero em afirmar-se que, no aspecto político, o fidelismo é a postura martiana do período da absoluta descolonização, da passagem da libertação política para a libertação econômica e cultural, da rejeição definitiva do imperialismo e do triunfo do socialismo num país “subdesenvolvido”.

Em 1972, o próprio Fidel Castro, ao render homenagem à U.R.S.S., pelo cinquentenário de sua função, explica:

José Martí, guia e apóstolo de nossa guerra de independência contra a Espanha, ensinou-nos esse espírito internacionalista que Marx, Engels e Lênin confirmaram na consciência de nosso povo. Martí pensava que ‘pátria é humanidade’ e nos traçou a imagem de uma América Latina unida, frente à outra América imperialista e soberba ‘conturbada e brutal’ – como ele dizia, que nos desprezava (RETAMAR, [s.d.], p. 62).

No México, os revolucionários exilados em 1955, iniciam um treinamento de guerrilhas. A eles se uniria o médico argentino Ernesto “Che” Guevara e quando conseguem equipar 82 homens, resolvem invadir Cuba, em dezembro de 1956, embarcando num pequeno barco (o iate Granma).

Os tripulantes do Granma são os cubanos do M26-7, treinados por Alberto Bayo, um especialista em guerrilhas do Exército Republicano, na época da Guerra Civil Espanhola. O grupo não passou despercebido do SIM (Serviço de Inteligência Militar de Cuba) nem do governo mexicano. Se não fosse a intervenção do ex-presidente mexicano Lázaro Cardenas, teriam sido extraditados para Cuba.

O plano inicial era conjugar o desembarque, previsto para 30 de novembro de 1956, com a insurreição na cidade. Ao chegarem na costa da ilha, os guerrilheiros são atacados pelas forças de Batista, e apenas doze homens sobrevivem, refugiando-se nas matas de Sierra Maestra.

“A concepção que orientava o movimento era, então, no fundamental, a mesma que havia levado à tentativa de assalto ao quartel Moncada: uma concepção de assalto imediato e ‘fulminante’ do poder através de uma insurreição urbana” (BAMBIRRA, 1975, p.77). A estratégia não mudara, apenas havia uma preparação maior na deflagração da insurreição, concebida com maior amplitude, como resultado da confluência de várias experiências históricas acumuladas. Esta estratégia englobava elementos derivados de uma ampla tradição de lutas do povo cubano:

A idéia do desembarque foi tomada da Guerra de Independência, de finais do Século XIX, dirigida e

comandada por Martí e Mateus; a idéia dos levantamentos urbanos, dos assaltos aos quartéis e a pontos-chave da cidade inspirava-se no movimento insurrecional dos anos 30, na luta pelo derrubamento de Machado. A idéia da greve geral tinha também raízes neste movimento: a ditadura de Machado será derrubada pela pressão de uma greve geral, que se transformou num golpe mortal para o regime ditatorial (BAMBIRRA, 1975, p.79).

Assim, a estratégia era sobretudo insurrecionalista, no sentido da insurreição urbana através de um levantamento das massas trabalhadoras.

Abortada a estratégia de insurreição nas cidades, devido ao ataque das tropas de Batista, os expedicionários do Granma, são reunidos por Fidel Castro na Sierra Maestra e inicia-se um período de “guerrilha nômade”, técnica na qual o pequeno grupo de guerrilheiro movimenta-se constantemente, evitando ser localizado e destruído pelas forças repressivas.

Sendo a região da Sierra Maestra densamente arborizada, constituindo a geografia da área boa para o desenvolvimento da “guerra de guerrilhas”, pela sua inacessibilidade, e, além disso, a Sierra Maestra era considerada uma região marginal do ponto de vista econômico, destacando-se ali apenas os camponeses pobres que trabalhavam nas áreas invadidas, na economia de subsistência e pouco contato mantinham com o proletariado rural das áreas planas. Este foi o primeiro território ocupado pelo exército rebelde, pois naquela época o latifúndio e o minifúndio viviam sérios conflitos entre latifundiários e arrendatários e “precaristas”⁷. Portanto, a presença dos expedicionários do Granma na Sierra Maestra, serviu para que os latifundiários intensificassem os conflitos e expulsassem os precaristas de suas terras, aproveitando-se inclusive das tropas do exército.

Face à repressão indiscriminada por parte do exército de Batista, aos abusos contra os camponeses da Sierra Maestra, logo Fidel Castro –

⁷ Pessoas que invadiam pequenas áreas, só se importando em ter filhos e esperar eles crescerem para ajudar nos trabalhos agrícolas.

cujos contatos com os camponeses da região eram anteriores ao desembarque do Granma -, estreitou contatos com as lideranças camponesas da Sierra, buscando e dando apoio a essa população. Segundo MAO JR. ([s.d.], 105), as tradições históricas de “eternamente rebelde província do Oriente”, também contribuíram para que a população local oferecesse seu apoio aos revolucionários. Entretanto, o que mais contribuiu para o êxito dos expedicionários do Granma na Sierra Maestra foi a indiscriminada repressão por parte das forças da ditadura de Batista. Aos poucos os guerrilheiros capitalizaram o crescente apoio dos camponeses, fazendo alianças com eles – trocando meios de subsistência e informações sobre as movimentações do inimigo, por proteção e aceitação dos mesmos na guerrilha.

Assim, sob o ponto de vista estratégico, a guerrilha procurava atacar sempre os pontos mais fracos do inimigo, e o que norteava a escolha dos objetivos a serem atacados era a possibilidade de capturar armas, munição e abastecimentos diversos. A presença do M26-7, trouxe aos camponeses de Sierra Maestra um horizonte político ampliado, ultrapassando o localismo e o imediatismo, característica das revoltas camponesas espontâneas. De tal forma que a liderança rebelde passa a incorporar as principais reivindicações camponesas, sobretudo a idéia da reforma agrária (MAO JR., [s.d.], p.107).

Depois de conquistar os camponeses e desenvolverem guerrilhas conjuntas, os expedicionários iniciaram o incremento do poder ofensivo da guerrilha. A guerra de guerrilhas estende-se por todo o país, enquanto a região da Sierra Maestra, havendo se transformado em um território inexpugnável, por volta de 1958, torna-se um verdadeiro “território livre”, possibilitando à guerrilha pôr em prática um *programa revolucionário*, ou seja, com controle na região da Sierra Maestra, foi promulgada e executada a primeira “Ley de Reforma Agrária,” construídos hospitais e escolas, além de iniciarem-se as transmissões da Rádio Rebelde, com a função de manter a população da ilha informada das atividades e programas políticos da guerrilha (MAO JR., [s.d.]).

“Em 9 de abril de 1958, tentou-se uma *greve geral revolucionária* em o todo país. Entretanto, essa tentativa redundou num grande fracasso,

sendo a greve apenas parcial nas cidades de Santiago, Camagüey e Santa Clara” (MAO JR., [s.d.], p.108). As razões apontadas para esse fracasso são muitas e controvertidas. Para uns o fracasso resultou da falta de preparação da greve, para outros se deveu à falta de apoio do Partido Socialista Popular⁸ (PSP). Esse fracasso levou Fulgêncio Batista a acreditar que os revolucionários estivessem política e militarmente enfraquecidos, e organizou as forças de repressão, a “operação FF” (Fim de Fidel), consistindo em uma grande ofensiva contra a Sierra Maestra, constituída em “território livre” e inatingível. Entretanto, essa *ofensiva do exército* perdeu o ímpeto ao confrontar-se com a firme resistência dos guerrilheiros, que destruiu a maior parte das unidades do exército empregadas na ofensiva.

O Triunfo da Revolução Cubana

Este último momento, focaliza os fatos que culminaram no triunfo da Revolução Cubana, tais como a evolução da guerrilha, o avanço do exército rebelde e a aliança com os camponeses.

Após impingir a derrota às forças ofensivas, os guerrilheiros, usando nova estratégia, abandonaram a Sierra Maestra e passaram a atuar na planície, dividindo o grupo em duas colunas: a Coluna de Antonio Maceo, comandada por Camilo Cienfuegos e a Coluna Ciro Redondo, comandada por Che Guevara. Essas duas forças avançam rapidamente, tomando as cidades da região e, cada vez com maior adesão de voluntários, tomam também importantes cidades como Santa Clara e Santiago e Cuba. Já se fala então, em *Exército Rebelde*. E diante do avanço dessa força revolucionária, apoiada em parte pela população e ajudada pela paralisia das forças repressivas, o ditador e a burguesia cubana, pressentem o fim do regime. Em 1º de janeiro de 1959, Fulgêncio Batista, antevendo o fim do regime ditatorial, deixa o país (MAO JR., [s.d.], p.109-110).

⁸ Designação que o Partido Comunista Cubano assumiu a partir da década de 40 (MAO JR., idem, p. 108).

A burguesia ainda tenta estabelecer um governo militar provisório, mas é sua última manobra, pois a população cubana responde com uma greve geral revolucionária, frustrando a burguesia reacionária e garantindo o poder revolucionário ao grupo revolucionário comandado por Fidel Castro.

As análises empreendidas por MAO JR., [s.d.], p.110-111, apontam que a vitória do M26-7, só se tornou possível quando o grupo dirigente abandonou a estratégia “insurrecionalista urbana” e passou a buscar apoio junto ao campesinato. De sorte que a vitória dos revolucionários pôde ser atribuída tanto à capacidade desse grupo iminentemente urbano, formado pelo M26-7, como pela sólida aliança com o campesinato pobre da Sierra Maestra. Esta aliança guerrilha-campesinato transcende aos limites da Sierra Maestra, ponto de origem, passando a formar uma vanguarda cuja liderança estende-se por todo o país. Entende-se também, que isto é possível, porque a revolução atingira seu estágio de amadurecimento, ou seja, o povo adquiriu a plena consciência da necessidade de uma mudança e lutou unido para tornar real essa possibilidade.

E o governo revolucionário que assume o poder após 1º de janeiro de 1959, caracteriza-se por ser uma administração, que de alguma forma, representa a aliança das classes que possibilitaram a vitória da revolução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Werner. **México e Cuba – Revolução Nacismo Política Externa**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

_____. **O Pensamento Político e Religioso de José Martí**, in Cadernos Instituto Humanitas UNISINOS. São Leopoldo: UNISINOS, Ano 2, nº 3, 2004.

BAMBIRRA, Vânia. **A Revolução Cubana – Uma Reinterpretação**: Centelha, 1975.

CASTRO, Fidel. Del informe al primer congreso Del Partido Comunista

de Cuba. **Cadernos Políticos**, Revista trimestral publicada por Ediciones Era, México, n. 7, p. 79-97, enero/marzo, 1976.

CASTRO, Fidel. **Fidel Castro: A História me Absolverá**. Trad. De Pedro Pomar. 5 ed., São Paulo: Alfa-Omega, 1986.

MAO JR, José. **A Revolução Cubana em Questão**. [s.l., s.d.].

RETAMAR, Roberto Fernández. **Introdução a José Martí**. [s.l., s.d.].

Recebido em dezembro de 2004

Aprovado em fevereiro de 2005